

Motivações para a produção do trabalho¹

Motivations Behind the Production of the Work

Rosana Paulino

Doutora em Poéticas Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Brasil

ig.rosana.atelie@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/8080222583272953>

¹ Nota dos organizadores do Dossiê: o texto foi cordialmente cedido pela pesquisadora-artista doutora Rosana Paulino, a quem agradecemos profundamente. Trata-se de um gesto da nossa curadoria editorial, que visa exemplificar, de forma sólida, a necessidade de construir um arquivo corporal, que problematize criticamente a construção eurocêntrica da ciência social, das artes e das humanidades. O trabalho nasce no mundo acadêmico-artístico, criando um espaço de possibilidades epistemológicas muito robusto. Refere-se à sua tese de doutorado em Artes Visuais, defendida em 2011, na Universidade de São Paulo (USP), com o título: *Imagens de Sombras*. # Destacamos que Rosana nos alertou sobre a necessidade de revisitar o capítulo à luz dos novos contextos, conhecimentos e práticas adquiridos durante mais de 14 anos desde sua primeira publicação. Pela importância do seu conteúdo, reproduzimos o capítulo “Motivações para a produção do trabalho”, mas incentivamos a leitura do trabalho completo, especialmente para pesquisadoras/artistas que buscam uma metodologia fortemente ancorada na prática artística. A tese de doutorado pode ser baixada na plataforma digital de teses da USP:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-05072011-125442/publico/tese.pdf>

Resumo: O objetivo deste trabalho é construir, através de trabalhos realizados na área de poéticas visuais uma reflexão que procura compreender como a mulher negra é vista na sociedade brasileira atual e o modo pelo qual as sombras lançadas pela escravidão sobre esta população se refletem nas negrodescendentes ainda hoje, criando e perpetuando locais simbólicos e sociais para este grupo. É ainda intenção do trabalho pensar sobre a forma de apresentação do texto que acompanha as obras produzidas e esclarecer os motivos da eleição por uma escrita “de artista” para o relato apresentado em conjunto com as imagens executadas.

Palavras-chave: Mulher; Escravidão; Marcas; Texto.

Abstract: The objective of this work is to construct, through works carried out in the area of visual poetics, a reflection that seeks to understand how black women are seen in current Brazilian society and the way in which the shadows cast by slavery on this population are reflected in black descendants even today, creating and perpetuating symbolic and social places for this group. The work also intends to reflect on the form of presentation of the text that accompanies the works produced and to clarify the reasons for choosing an “artist’s” writing for the story presented together with the images produced.

Keywords: Woman; Slavery; Marks; Text

Sobre o ato de produzir

Pensar uma justificativa para a realização de um trabalho de arte leva a questionar: Por que fazer arte? Ou ainda, como justificar o que o/a artista produz? Não creio que existam explicações claras e precisas que sustentem o ato da criação. Esta é uma questão que tem acompanhado a história da humanidade e para a qual não temos uma boa resposta. Podemos apenas considerar que a arte existe e está disponível para nossa apreciação e desfrute e que a sua produção é algo que, em algumas pessoas, parece obedecer a um desejo quase irreprimível de comunicação. Esta transmissão de conteúdos singulares que pulsam dentro do ser, nestes casos, se dá através da realização do trabalho artístico. Devemos considerar, entretanto, que esta colocação, talvez excessivamente simplista, não leva em conta os fatores extremamente complexos que instigam alguém a realizar uma obra artística, pois esta é uma discussão que não caberia nestas páginas. Convém deixar claro, porém, que estamos falando daqueles seres comprometidos com uma busca que, em alguns casos, chega mesmo a dar sentido à vida e não daqueles preocupados em utilizar a arte apenas como meio para se alcançar status e fama. Sendo assim, prefiro pensar nas “Motivações” que têm guiado meu fazer artístico e que, certamente, não são as mesmas que orientam outros criadores que irão agir conforme suas verdades e inquietações.

Sempre pensei em arte como um sistema que devesse ser sincero. Devemos observar que na construção de sua poética é importante que o/a artista procure atender às necessidades profundas que o/a levaram a investir na fatura de uma obra, evitando assim o risco de se tornar superficial. Aquele que cria deve sempre estar atento para as coisas que lhe tocam profundamente, procurando nunca fugir ao desafio de lidar com estes assuntos, independente de quais sejam suas escolhas, pois é este laborar que irá ajudar a compor sua poética, sua individualidade.

Desde o início da minha produção como artista visual, alguns fatores têm sido uma constante em meu fazer. Determinadas indagações têm aparecido com grande intensidade e repetidamente como, por exemplo, a ditadura dos modelos de beleza², a discussão da

² Note-se que não se trata das ideias sobre beleza presentes no conceito de “belo” dos filósofos ou de alguns pensadores da arte. “Beleza” aqui é vista como um padrão calcado em grande parte em modelos de aparência “nórdica”, eliminando assim a maior parte da humanidade. A chamada “indústria da beleza” se vale da exclusão

representação do indivíduo negro e, principalmente, da mulher negra na sociedade brasileira e várias questões referentes à psicologia e a representação do corpo feminino na arte.

A esta postura, acrescentei a escolha e utilização de objetos do domínio quase exclusivo das mulheres tais como tecidos, linhas e muitas vezes elementos ligados a um determinado tipo de fazer manual, oriundos do artesanato e das expressões visuais populares. Esta opção tem o caráter de reforçar os problemas que estão sendo discutidos no trabalho. Louise Bourgeois comenta de maneira brilhante a importância da eleição do material ao pontuar que há coisas que são mais bem expressas em mármore que em barro, ou seja, a escolha do meio através do qual nos expressamos irá colaborar com o sentido do trabalho.

Em minhas obras forma e conteúdo servem à uma mesma finalidade, e uma das principais é a discussão dos estereótipos ligados às mulheres. Assim sendo, acredito ser imperioso que os dois andem juntos e em colaboração estreita, para que a obra atinja o propósito para a qual foi elaborada.

Por ser oriunda de uma população que muitas vezes utiliza elementos como tecido, papel machê, barro, fitas, palha e outros fortemente ligados ao fazer manual em suas manifestações culturais e religiosas, como o carnaval, o Candomblé e a Umbanda, por exemplo, passei a acrescentar em meu trabalho materiais que foram ou são utilizados com frequência nestes grupos, a fim de determinar a forma que o trabalho assumirá e reforçar, assim, seu significado.

Acredito que o grande desafio desta postura como artista está em “ligar-me”, de maneira simbólica, ao ambiente do qual provenho, resgatando e trabalhando assim algumas das raízes que me levaram a ser quem sou e que ajudaram, de certa forma, a forjar minha poética. É claro que esta posição é, em si mesma, um risco que resolvi assumir, pois a obra que adota estas características – e este é também o caso daquelas que optam por discutir questões políticas – corre, sem dúvida nenhuma, o risco de se tornar ilustrativa ou anedótica. Porém, como não responder aos desafios impostos a mim como artista, uma vez que o grupo do qual provenho talvez seja a principal fonte de inspiração do meu trabalho? Que sentido há em filiar-me a uma “arte internacional” na qual não acredito e que pretende, de forma autoritária e etnocentrista, decidir os caminhos da contemporaneidade? Onde se situa a artista que subia em pés de fruta, que assistiu a diversas festas religiosas quando criança, que teve em sua criação um mundo

de outras possibilidades de corpos, alimentando assim insatisfações e frustrações que irão criar e fortalecer outras indústrias como as de emagrecimento, cirurgias plásticas, etc.

mágico relacionado à cultura popular e que, depois de crescida, não se reconhece no universo da arte contemporânea que a circunda?

Observo que este não reconhecimento, este estranhamento, como poderíamos dizer, não é privilégio unicamente meu, mas de vários artistas que se permitem pensar a condição humana, como tenho feito em quase toda a minha obra.

Em minhas várias incursões por circuitos culturais dentro e fora do país, sinto que as discussões sobre as relações humanas, as questões sociais, os sentimentos, sobre o amor e outros temas do dia-a-dia andam escassos na produção contemporânea. Este fato parece incomodar uma parcela de artistas e curadores de diferentes tendências artísticas e nacionalidades. Submetida a uma agenda internacionalista regida não somente pela qualidade artística de seus produtores, mas também por fatores geopolíticos e financeiros, a proposta contemporânea varreu para fora do cenário artístico quase toda realização que não se debruça sobre uma meia dúzia de temas, na maioria das vezes autorreferentes. Investigações plásticas que não se sujeitam a esta agenda têm grande dificuldade para ocupar espaços onde poderão ser mostradas. De modo irônico, uma das bandeiras da contemporaneidade tem sido o binômio arte/vida. Porém, ao não discutir alguns temas como as relações interpessoais, as mudanças nas concepções de gênero etc., as artes visuais se afastam irremediavelmente da “vida” que tão desesperadamente tentam capturar em seus discursos sobre o fazer artístico. Estes tópicos fortemente presentes em outras vertentes artísticas, como o cinema, o teatro, a literatura, a música, etc., parecem ter sido postos no limbo pela plástica contemporânea. O mesmo pode se dizer da arte que traz em si uma discussão política séria. Limitada em grande parte à produção das chamadas “minorias”, a participação de uma posição política em trabalhos de arte parece presente somente naqueles cujo calo é apertado quase diariamente. Ainda assim, estas realizações quase sempre são colocadas à parte nos circuitos contemporâneos.

No meu caso, uma das pontas do trabalho artístico, aquela ligada diretamente a um pensar político, pode ser localizada no fato de ser uma artista negrodescendente. Desde criança, não me encontrar representada por imagens que, quase sempre, insistiam em colocar os/as negrodescendentes em posição inferior e/ou estereotipada são elementos que chamaram minha atenção. Olhar e não me ver representada nos livros escolares, sempre com seus modelos de família branca e feliz, cabendo aos negros os papéis de serviçais, ver as novelas e anúncios de televisão que em quase todos os casos reservavam aos negros sempre o mesmo tratamento

estereotipado são fatores que, sem dúvida, contribuíram para uma atuação artística na qual o viés político se encontra fortemente marcado. Isto já se faz notar nas primeiras obras realizadas ainda como aluna, como é o caso da instalação *Parede da Memória*, e será reforçado em peças como *Bastidores*, apresentado no Panorama do MAM – Museu de Arte Moderna de São Paulo – de 1997, acompanhado de um texto que deixará claro como estas proposições se apresentam em meu fazer artístico.³

Retornando aos aspectos sobre a relação entre o veículo escolhido para a expressão artística e a forma como ele é conjugado à ideia a fim de transmitir uma mensagem, é necessário ainda notar que este uso tem como um de seus principais motivos o resgate do/a artista como produtor, dotando assim de significado o ato do fazer, da manualidade, o que esta mais próximo do universo das artes ditas populares do que aquele ocupado pela arte contemporânea. Mas escutar com carinho e atenção aquilo que as artes e a cultura popular nos falam não é tarefa fácil. Não há como negar que, tendo recebido um treinamento como artista que passa pela frequência a uma Universidade de elite, por ter estudado fora do país e mesmo ao cumprir todo um ciclo universitário que vai do bacharelado ao doutorado, minha visão de mundo é diferente daquele criador que não passou por estas experiências. Porém, a raiz da qual procedemos é, em muitos casos, a mesma. Mas fica a dúvida: quanto da raiz resta na criação artística, quanto vem do treinamento e dos círculos socioculturais frequentados?

Introjetar a arte popular em si, sentir a cultura da qual prowenho, refletir e oferecer, através do trabalho, novas leituras, novas compreensões. Este talvez seja o grande desafio a ser enfrentado, pois não se trata de *reproduzir* elementos desta cultura e sim de *produzir* a partir do contato com ela. Parodiando Oswald de Andrade, seria como deglutir, mastigar estes elementos e posteriormente regurgitar algo de, senão com a pretensão do novo, ao menos sincero e verdadeiro em relação aquilo que desejo realizar como artista.

Sobre este fazer que traz à luz algo de “novo” com base no entendimento do “já feito”, este procedimento que desvela sentidos que pensávamos já mortos mas que estão aqui, pulsando em algum lugar, sobre a importância deste contato que nos nutre como uma mãe ao filho, vale a pena pensar nas palavras do mitólogo Mircea Eliade, ao discutir a presença da arte popular romena na produção de Brancusi, em seu texto *Brancusi y el deseo del vuelo*. Diz Eliade:

³ Este texto encontra-se na íntegra na seção Textos publicados anteriormente.

Quizás fue después de Haber comprendido la importancia de ciertas creaciones modernas, cuando Brancusi habría redescubierto la riqueza artística de su propia tradición campesina y habría presentado las posibilidades creadoras de esa tradición. Eso no quiere decir que Brancusi, después de este descubrimiento, se hubiera puesto a hacer “arte popular rumano”. No imitó las formas ya existentes ni copió “el folklore”. Por el contrario, comprendió que la fuente de todas estas formas arcaicas, tanto las del arte popular de su país como las de la protohistoria balcánica y mediterránea, del arte “primitivo” africano u oceánico, estaba enterrada en las profundidades del pasado (ELIADE, s.d: 160).

A opção por um criar que dialoga com a arte e valores populares, um risco diante da contemporaneidade, levou-me, entretanto, a uma compreensão maior do que seja a arte e seu papel em minha vida, ao desvelar traços inerentes à minha formação e sobre quem sou. Por outro lado, diante do panorama atual, parece-me claro que aquele que se dispõe a ter como base elementos de sua cultura, principalmente dentro dos conceitos de uma arte que, infelizmente, nos dá a impressão de olhar mais para fora que para dentro de suas fronteiras geográficas, humanas e simbólicas, corre o risco de ver-se longe dos sistemas hegemônicos de circulação da informação e da arte. Acredito, entretanto, que o/a artista deve sempre trabalhar com aquelas questões que lhe são mais profundas e jamais abriria mão de lidar com estes elementos que me são tão caros. Equilibrar-me no fio da navalha de minhas preferências não tem sido fácil, mas qual artista que investiga a fundo as questões que lhe incomodam e que o movem tem o conforto de não se equilibrar constantemente entre suas emoções, suas posições assumidas e suas dúvidas sobre seu lugar no mundo? Mais do que gratificante, as escolhas feitas têm me permitido inquirir e – principalmente – aprender um pouco mais sobre mim mesma através do exercício do meu fazer.

Costurando Sentidos

Como dito anteriormente, o uso de elementos do mundo “feminino” tem sido uma constante na elaboração de minhas peças. Seja por ter sido tocada pelo exemplo de minha mãe, que foi bordadeira durante boa parte da minha infância e a quem eu via bordar por horas a fio, seja por ter tido uma educação “à antiga”, na qual tomei contato – e gosto – pelas costuras e panos ou simplesmente por ter facilidade no uso deste tipo de material, além de outras questões conceituais já comentadas, tecidos, linhas e fitas tem representado um veículo através do qual,

juntamente com o desenho e a gravura, realizei boa parte das pesquisas desta tese. Pacientemente, como uma Penélope contemporânea ou, quem sabe, como uma enorme aranha, vou cruzando os fios de uma existência que se torna visível a partir das obras produzidas. Este tecer, que mais do que simbolicamente representa uma maneira real de se colocar no mundo, procura também trazer à tona vestígios de momentos passados, como as aulas de costura e artesanato tidas na infância e que, neste momento, passam a ter um sentido totalmente diverso desvelando um universo escondido no mais profundo de mim.

Desta maneira, a opção por este tipo de fazer em *Parede da Memória* tem a propriedade de ligar, não apenas simbólica, mas também fisicamente, os componentes da família e das origens socioculturais das quais derivo.

Imagem 1 – Parede da Memória. Microfibra, xerox, linha, algodão e aquarela. Dimensão do trabalho montado: variável. Dimensão dos objetos: aproximadamente 8,0 x 8,0 cm cada elemento. 1994.



Fonte: PAULINO (2011)

Ultrapassando a problemática do gênero, claramente expressa na obra, os problemas ligados à identidade étnica também despontam neste trabalho através de sua fatura. Ao eleger o

formato dos “patuás” (pequenos escapulários que guardam imagens ou objetos dentro) para a construção das peças, a questão do grupo de origem torna-se patente. Estes pequenos “bentinhos”, tão presentes na tradição católica através de medalhinhas que guardam relíquias ou imagens consagradas por um padre, são aqui reelaborados a partir do viés de uma cultura mestiça onde a religião da Umbanda irá funcionar como ponto de apoio à criação estética.

A preferência pelo uso da costura irá ligar em uma mesma trama obras feitas em momentos diversos, como é o caso de *Tecido Social*. A peça toma seu nome emprestado da sociologia e tem, como resultado, uma pequena animação no formato Power Point e um grande tecido manualmente costurado.

Imagem 2 – Tecido Social. Monotipia colorida e costura sobre tecido. Aproximadamente 2,80 x 5,00m. 2010



Fonte: PAULINO (2011)

A obra procura entender um pouco do caos, da violência e dos contrastes de uma metrópole como São Paulo, onde amontoados humanos aparecem do nada, coabitando em minúsculos espaços que, quando incomodam, são removidos pelo poder público até brotar em outro ponto, e depois outro, e outro.... Por vezes o amontoado permanece e muda as características da cidade, criando novas fronteiras, novas relações, novos embates.

A sutura mal feita e forçada que liga as partes faz com que a costura, que poderia ser usada como elemento de coesão entre grupos humanos, retome o sentido de repressão e violência visto em investigações iniciais como *Bastidores*, de 1997. Cria-se deste modo uma circularidade onde técnicas e temas são retomados no sentido de, através de novos olhares, trazerem novo fôlego a proposições elaboradas anteriormente.

Imagem 3 – Obra da série Bastidores. Xerox transferida sobre tecido, bastidor de madeira e linha.
30,0 cm de diâmetro – 1997



Fonte: PAULINO (2011)

No caso de *Tecido Social*, o cerzido, que deveria estar no avesso, é trazido à frente, para o primeiro plano, demonstrando a tentativa de se criar uma sociedade feita de retalhos opostos onde, de uma maneira que poderíamos chamar de “Frankensteiniana”, suturam-se partes antagônicas, díspares, de um mesmo corpo social comum, tentando fazer com que realidades socioculturais extremamente distintas convivam harmonicamente em um mesmo espaço, em um mesmo tecido social. Convivência esta buscada não pelo ato de ouvir o outro mas pelo reprimir-se e cegar-se diante dos desafios.

Tecido Social gerou uma exposição de mesmo nome na Galeria Virgílio. O texto da mostra, de minha autoria, pode ser lido na íntegra na seção “Textos publicados anteriormente”. As outras obras que formaram a exposição são o álbum *DAS SOMBRAS – 2ª ATO*, além de duas monotípias sobre pano: *Babel e Corrida*.

A presença da problemática negro-feminina neste trabalho se dá através do uso de imagens que irão fazer a passagem do local simbólico ocupado pelas mucamas para aquele que hoje em dia é preenchido pelas empregadas domésticas, profissão grandemente ocupada por mulheres negras. Ao aparecer a figura da estudante, tem-se uma opção para a quebra deste simbolismo. O fato de todos os personagens aparecerem vendados mostra o pouco esforço empreendido pela sociedade – em todos os seus segmentos – em buscar reparações e soluções para erros historicamente cometidos, perpetuando assim um dos agrupamentos humanos mais desiguais do mundo.

Outras obras realizadas irão aos poucos “costurar” os diferentes momentos da pesquisa, formando um corpo de trabalhos visuais sobre o que representa ser mulher e negra atualmente na sociedade brasileira.

As imagens desenvolvidas para a tese irão, portanto, questionar os alicerces para a formação de um lugar simbólico para as negrodscendentes. Chegará depois ao período atual de consolidação deste local, ao mesmo tempo em que se iniciam os esforços para a ruptura deste modelo, e procurará, na medida do possível, pensar possibilidades futuras para esta população.

A costura irá assim alinhar sonhos, expectativas, conquistas e frustrações das mulheres negras em três diferentes momentos de suas trajetórias na sociedade brasileira.

Referências Bibliográficas

ELIADE, Mircea (s/d). *El vuelo mágico*. Madrid: Ediciones Siruela.

PAULINO, Rosana (2011). *Imagens e Sombras*. Tese de Doutorado em Artes Visuais. Universidade de São Paulo, São Paulo.